

# “Não vim pra ficar, estou só de passagem”: a precarizada vida dos professores substitutos da FASSO/UERN

*Hiago Trindade de Lira Silva*

Mestrando em Serviço Social

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

E-mail: hiagolira@hotmail.com

*Saia pra eu entrar  
Que eu preciso trabalhar,  
Pois do jeito que o mundo tá  
Nenhum emprego pode me escapar*

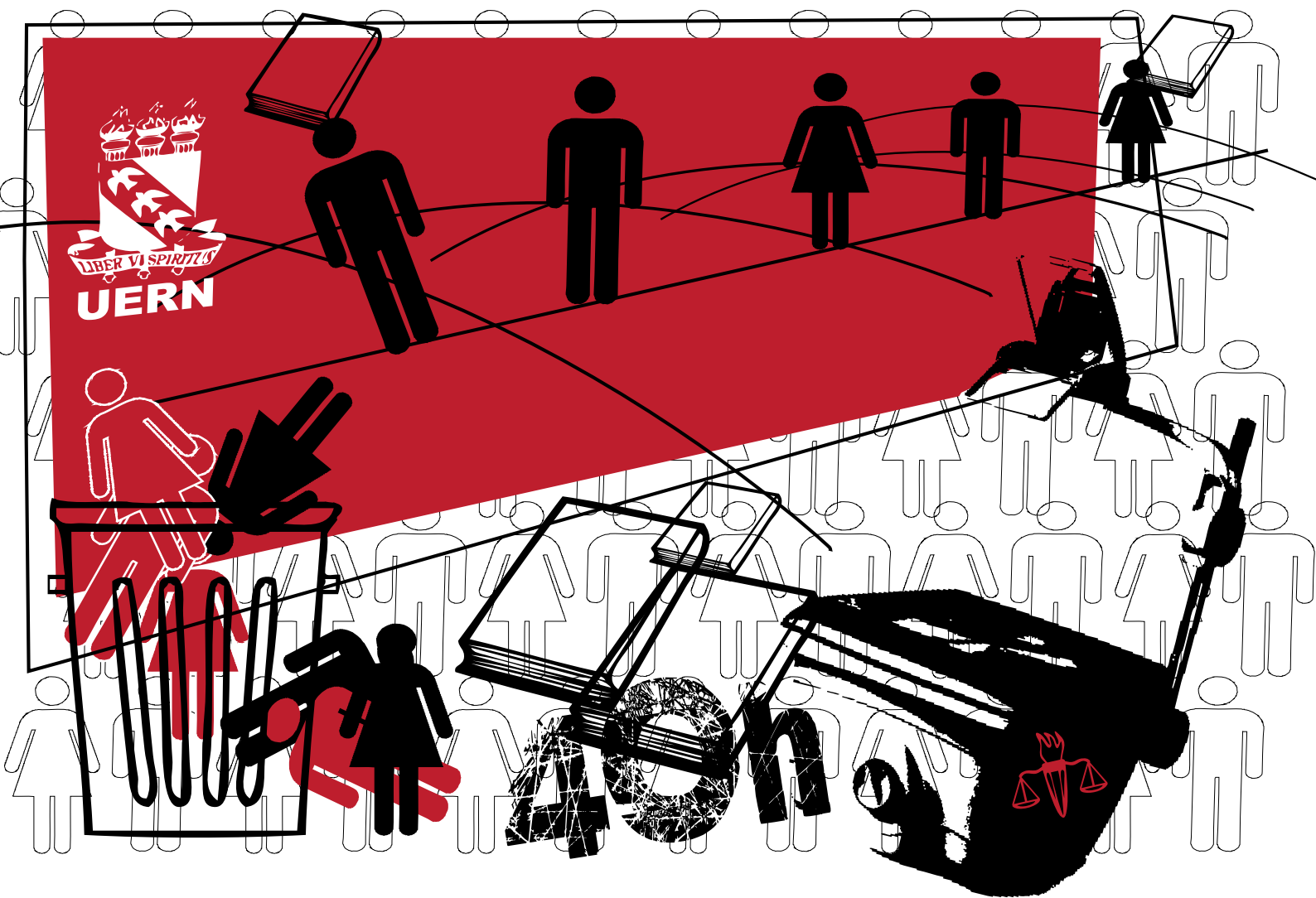
*Saia pra eu entrar  
Que eu tô precisando!  
Pode ser uma semana, um mês ou um ano,  
O que vier eu tô pegando!*

*Saia pra eu entrar  
Que mesmo precarizado,  
Eu vou querer o fardo...  
Que mesmo sem direito  
Vou me esforçar de qualquer jeito...*

*Saia pra eu entrar  
Pelo menos até eu encontrar  
Um lugar digno pra trabalhar...  
(Hiago Trindade)*

**Resumo:** As múltiplas determinações e metamorfoses que se espalham pelo mundo do trabalho nos marcos da sociabilidade regida e orientada pelo modo de (re)produção capitalista tem atingido, com as particularidades do tempo histórico em que vivemos, o conjunto da classe trabalhadora e se expressado, de maneira singular, no âmbito da docência. Tendo clareza disso, o artigo que ora apresento ao público se debruça no estudo e na análise das condições de trabalho dos professores<sup>1</sup> substitutos da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (FASSO/UERN). Para a produção dos dados foi realizada pesquisa bibliográfica, documental e de campo, onde, por meio da análise do contrato de trabalho e da realização de entrevistas semi-estruturadas com 6 (seis) professores substitutos, que estiveram lecionando entre os anos de 2009 e 2012 na referida universidade, pude constatar, entre outras coisas, que as condições de trabalho destes sujeitos estão marcadas pela instabilidade, maximização do tempo e flexibilização das condições de trabalho, bem como da perda de direitos.

**Palavras-chave:** Trabalho Docente. Metamorfoses do Mundo do Trabalho. Condições de Trabalho.



## Introdução

O conjunto de metamorfoses espriadas, muito notavelmente, a partir dos primeiros anos da década de 1970, do século XX no mundo do trabalho tem afetado com bastante intensidade a classe trabalhadora em suas formas de ser, existir e se organizar. Essa atividade indispensável para o desenvolvimento do homem e da sociedade, nos limites historicamente determinados pela (re)produção da sociedade capitalista, tem sido marcada, como nos faz crer Antunes (2009) por formas extremamente degradantes em sua realização: mais que nunca a precarização, flexibilização das condições de trabalho, entre tantas outras dimensões dessa totalidade podem ser vistas e sentidas pelos homens e mulheres que precisam vender sua força de trabalho para sobreviver.

Os professores, enquanto trabalhadores inseridos na divisão social e técnica do trabalho<sup>2</sup> também vivenciam, com os ritmos e modos que caracterizam seu espaço de trabalho, esse conjunto de determina-

ções. E, dentro deste universo, chamamos atenção para o lugar que ocupam os substitutos, pois, a meu ver, embora existam simbioses perceptíveis entre o trabalho desempenhado por eles (efetivos e substitutos) – na exata medida em que ambos fazem parte do quadro de sujeitos que naturalmente conhecem o amargo sabor da precarização, desproteção e desregulamentação que vêm assolando, em todas as latitudes do globo terrestre, as formas de trabalho na contemporaneidade – creio que existem particularidades muito latentes para com os professores substitutos, a exemplo da forma (e muitas vezes da lógica também) pela qual é construído, na UERN, o contrato de trabalho que os “amarra” à instituição, especialmente se levarmos em consideração as ausências gerais de garantias inexistentes nele, impossibilitando, dentro dos limites próprios que essa situação expressa, a realização de um trabalho mais digno.

Nesse sentido, o texto que ora apresento ao pú-

blico, não pretende esgotar as discussões sobre esse campo temático nem tão pouco discorrer verdades absolutas. Antes, objetivo proporcionar uma reflexão crítica sobre o trabalho docente e, nele, identificar o espaço recheado de (in)certezas que marca a vida e o trabalho dos professores substitutos. Mas espero que, acima de tudo, este texto possa inquietar os leitores, indigná-los, surpreender-lhes. E que estas inquietações, indignações e surpresas se convertam na potência criadora e, como corolário, transformadora da realidade bárbara posta para o conjunto de seres humanos que, contraditoriamente, vivenciam sol a sol, mediante o trabalho, toda sorte de desumanidades.

### Entre precarização e (in)certezas: o trabalho do professor substituto na FASSO/UERN

O professor substituto é marcado por uma dupla possibilidade: a de “*estar substituindo*” e a de “*ser substituído*”, que conformam a relação dialética presente no mundo do trabalho, como um todo, na qual os trabalhadores vivenciam um quadro geral de instabilidade em seus empregos.

Esta situação de instabilidade e insegurança, que atinge mais intensamente os trabalhadores de modo geral, quando da mudança do modelo de produção fordista para o toyotista, reflete-se para os professores substitutos da FASSO de modo particular, a partir das características que, por estarem de algum modo relacionadas com as transformações na esfera pro-

ductiva e política da sociedade, inflete seu espaço de trabalho, a universidade.

Sabemos que na contemporaneidade existe uma disseminação nas formas de trabalho terceirizadas, *part-time*, temporários (Antunes, 2009) entre tantas outras tipologias que podem ser indicativas da precarização que acomete a classe trabalhadora. Essas formas surgem por decorrência do enxugamento da força de trabalho nas unidades produtivas mediante a reestruturação produtiva e, particularmente na universidade, do corte de gastos com as políticas sociais, que se expressa, grande parte das vezes, na preferência pela contratação de substitutos em detrimento da promoção de concursos públicos para professores efetivos. O baixo custo para o Estado, e as facilidades de manipulação do contrato certamente são fatores que se mostram como catalisadores dessa realidade, presente na FASSO, e certamente em outras Instituições de Ensino Superior (IES).

Assim, temos que a inserção dos professores substitutos nesse quadro geral de precarização, não se dá descolada das determinações e metamorfoses que vêm se desencadeando no mundo do trabalho (Leite, 2011). Ora, se é possível observar, na grande parte das áreas e setores, uma crescente diminuição dos postos de trabalho e, como seu corolário, o aumento do desemprego (que acontece em escala estrutural) não existem muitas opções para esses sujeitos, que têm necessidades a serem supridas e, por isso mesmo, necessitam vender, independentemente da forma, sua força de trabalho: em terra de desemprego e miséria, quem consegue ser precarizado é rei!

Acerca desse processo de incidências e reflexos do contexto do mundo do trabalho para os professores substitutos da FASSO, afirmam os sujeitos<sup>3</sup>:

Tenho convicção de que as determinações do mundo do trabalho na sociedade e na conjuntura que a gente vive, muito refletiram sobre o meu trabalho. Se por um lado refletiu sobre a instabilidade do vínculo, o meu “aprisionamento” quase exclusivo à atividade de ensino, por outro lado, esse profissional também sofre os limites que atingem aos trabalhadores como um todo, mesmo aqueles que têm carreira na universidade. Me refiro aos baixos salários, a ausência de condições materiais para o desempenho do trabalho, expresso, por exemplo, no fato de terem todos os docentes que fazer



revezamento no uso do projetor de multimídia, porque não há equipamento suficiente para todos; me refiro à sobrecarga de trabalho, me refiro às pressões para que se publique a todo custo etc. (Retroprojetor)

Assim, pra mim a principal característica do mercado de trabalho atualmente é a precarização... se você pensa a precarização chegou atééé no espaço da docência, por que é marcado pela precarização o atual contrato que a gente tem, e aí acho que a exploração camuflada e a precarização têm sido as principais marcas desse mercado de trabalho atualmente, interesse do capital, e dessa forma acaba caindo na minha vida, enquanto substituto<sup>4</sup>. (Livro)

As falas de Retroprojetor e Livro, cada qual se referindo a uma particularidade das determinações do mundo do trabalho em seu exercício profissional, expressam o entendimento sobre a dimensão da precarização de seu trabalho; mais precisamente, conseguem fazer uma análise para além de suas situações, em particular – a docência, enquanto professores substitutos –, enxergando esse fenômeno das formas de trabalho precarizadas como uma tendência que vem se alastrando pelo mercado de trabalho, ou melhor, pelo mundo do trabalho como um todo, de maneira obscura e camuflada pelo capital.

A maximização ou a intensificação do trabalho também tem ocorrido, direta e indiretamente, como resultado dessa conjuntura. O professor substituto encontra-se num ambiente que naturalmente exige, dia a dia, o acúmulo teórico, metodológico e prático da realidade, que acomete a profissão e, para isso, vê a necessidade de se inserir irregularmente, ou melhor, de forma voluntária – por que, na particularidade da UERN, seu contrato não destina tempo para isso – em núcleos de estudo, pesquisa e extensão, extrapolando a sua carga horária, ao mesmo tempo em que exponencia seu desgaste físico e mental, prejudicando-os.

Por outro lado, além de buscarem essa capacitação para dar suporte às aulas, estes sujeitos certamente sentem a pressão da instabilidade a que estão submetidos, e buscam “mostrar serviço”, fazer um bom trabalho, para tentar assegurar sua permanência no espaço pelo máximo de tempo possível. De fato, a própria reestruturação produtiva tem impulsionado

e exigido essa qualificação dos trabalhadores: que eles se dediquem, dando o seu melhor, sempre!

Do mesmo modo, não se pode deixar de registrar que, no âmbito da universidade, é possível visualizar o esforço que os professores, de modo geral, são levados a fazer para produzir cada vez mais – e isto é algo incentivado pelas agências de fomento à pesquisa que temos. São textos, artigos, palestras etc., vislumbrando atingir, ao menos no plano numérico e estatístico, a produção (que é, quase sempre, nessa lógica, indicativa da qualificação do sujeito) exigida nesses tempos. Vejamos:

[...] eu tenho 40 horas destinadas a aula e aí... eu recebo por essas 40 horas e tento me dedicar a essas 40 horas, pra preparar aula, corrigir trabalho, fazer prova só que, que... quando eu não consigo fazer uma articulação com núcleos de estudo, com pesquisa... eu também, não consigo fazer uma aula mais rica, com mais elementos. (Livro)

O professor substituto encontra-se num ambiente que naturalmente exige, dia a dia, o acúmulo teórico, metodológico e prático da realidade, que acomete a profissão e, para isso, vê a necessidade de se inserir irregularmente, ou melhor, de forma voluntária – por que, na particularidade da UERN, seu contrato não destina tempo para isso – em núcleos de estudo, pesquisa e extensão, extrapolando a sua carga horária, ao mesmo tempo em que exponencia seu desgaste físico e mental, prejudicando-os.

Pincel Atômico, por sua vez, também expõe os motivos que (o)a levaram à inserção em outros espaços:

[...] primeiro, por que eu acredito que a formação em sala de aula ela ainda é muito limitada, né? eu acredito que... a riqueza da pesquisa e da extensão elas.. elas.. complementam esse processo pedagógico em sala de aula, né? ela é uma complementação... segundo, não deixa de ser também pelo fato de que como estou na docência e que pretendo continuar na docência... de também de você manter um currículo atualizado, de você fazer

um currículo pra pontuamento; também não deixa de ser isso, por que infelizmente nessa lógica produtivista que nós vivemos hoje, [...] a gente tá sempre buscando demonstrar essa produtividade, mesmo que a gente não tenha tempo hábil pra isso, né? (Píncel Atômico)

Ou seja, a partir das falas supracitadas podemos identificar três fatores que confluem para aumentar o grau e a intensidade do trabalho dos professores substitutos. Primeiro, a necessidade de inserção em múltiplos espaços, pelo entendimento que a formação profissional de qualidade não se esgota na relação imediata entre professor e aluno, na sala de aula. Segundo, pelo imperativo latente de demonstrar eficácia e aptidão para as atividades que desempenha e, finalmente, o terceiro fator consiste na necessária construção de um currículo cada vez mais recheado de produções e qualidades que atendam as requisições e demandas postas.

Dando prossecução às análises sobre a maximização do trabalho, Lousa dialoga conosco sobre os impactos negativos que sente, devido às múltiplas dificuldades que se irradiam para si, sobretudo pelas questões concernentes à carga horária. Em suas palavras:

[...] e aí gera mesmo a questão do esgotamento físico, por que tem períodos, tem semanas que quando tá com muita atividade, chega sexta-feira... eu já tive esse semestre, esse período de chegar sexta-feira e tá estafada, e eu não consegui levantar da cama por conta de excesso de trabalho, ou de eu necessitar acordar às 3 da manhã pra poder corrigir provas por que o tempo que eu tenho durante o período num é suficiente pra poder dar conta das atividades que tem... (Lousa)



No âmbito da unidade produtiva, após os processos de mutação no modo de organização e produção, o capital exige um trabalhador cada vez mais qualificado e polivalente, ou seja, aquele que é capaz de desempenhar bem diversas funções. Reportando-nos para a universidade também poderíamos encontrar, com as nuances e particularidades do espaço, esse trabalhador polivalente, ou seja, aquele que se insere em vários espaços e consegue executar várias funções: montar, ligar e manusear o data show, a caixa de som, além de participar das atividades de ensino, pesquisa e extensão, gestão administrativa etc.

Outro ponto para prosseguirmos com nossas análises é a divisão social do trabalho, a qual na sociedade capitalista tem separado as atividades e funções entre os trabalhadores, a partir de determinados critérios de qualificação, bem como de acordo com o grau de desenvolvimento das forças produtivas e organização dos sujeitos. Assim, observamos ao longo da história a divisão entre o trabalho do campo e cidade, manual e intelectual etc. Nesse sentido, podemos visualizar que esta realidade também está presente na universidade, onde há uma divisão entre as atividades de trabalho dos professores efetivos e substitutos. Ora, na FASSO, estes últimos, ao menos do ponto de vista jurídico-legal, só podem cumprir sua carga horária em atividades de ensino. Em decorrência deste fato, os professores efetivos precisam desenvolver as outras atividades – pesquisa, extensão, núcleos de estudos, atividades de coordenação e direção. Ou seja, há uma verdadeira separação de atividades na FASSO, o que, por outro lado, faz com que se reduzam as chances de um professor efetivo dedicar-se às atividades de ensino, propriamente dita.

Esta demarcação específica de tarefas, muito provavelmente, acompanha a tendência mais geral do mundo do trabalho, onde passam a existir múltiplas distinções entre os trabalhadores: qualificados e polivalentes e os que não o são; temporários e efetivos, nacionais e imigrantes etc.

Isso tudo se relaciona com as requisições e determinações imediatas que germinam nos marcos do capitalismo, pois visualizamos a separação dos trabalhadores em dois grupos: de um lado, os que possuem emprego “fixo” (encontrando-se, portanto, numa situação de estabilidade), qualificação e boa

remuneração e, de outro, os precarizados. Os substitutos, assim como os demais trabalhadores precarizados, acabam convertendo esforços para alcançar as exigências de qualificação feitas pelo capital, vislumbrando, com isso, a possibilidade de migrar para o universo dos trabalhadores estáveis, que são, nessa sociedade, a minoria (se é que existem!).

Mas essa divisão entre efetivos e substitutos extrapola a dimensão do exercício de atividades específicas. Outra questão está relacionada ao preconceito e estigma de que os professores substitutos são vítimas na FASSO. As marcas que carregam por esta condição, os fazem ser vistos por alguns alunos com certo menosprezo e desdém, fato este que não nos parece estar relacionado à situação de precarização e instabilidade que os cerca, mas sim ao grau de experiência e qualificação profissional, propriamente dita.

As falas abaixo são ilustrativas disso:

eu entendo que muitas vezes tem sido criada, aqui, pela própria faculdade não pelas professoras, mas... num sei se dos alunos... perceberem que por ser substituto, por que está passando, as vezes eles também não legitimam, [...] acho que tem sido uma certa cultura criada nos corredores, criada na sala de aula pelos próprios estudantes em relação aos professores substitutos... (Livro)

a forte tendência dos alunos é separar o professor substituto do professor efetivo, então eles esperam assim a última palavra do professor efetivo, a gente percebe isso por meio de alguns alunos... (Pincel Atômico)

[...] eu sentia que havia uma diferença de tratamento, de expectativa e até de postura, né? quando era um doutor... ou até um mestrando, pra quando era um substituto [...] (Caderno)

É típico da sociedade capitalista, valorizar os trabalhadores a partir de determinadas qualidades importantes para a (re)produção do sistema. E como estamos inseridos nessa totalidade, muitas vezes reproduzimos essas ideologias, mesmo na realidade de um curso como Serviço Social, que nos incentiva a pensar a realidade de maneira mais crítica, e que tece muitas análises acerca do mundo do trabalho e, conseqüentemente, da situação da classe trabalhadora.

As falas supracitadas convergem para indicar que

parte dos alunos está deslegitimando ou menorizando os professores substitutos, talvez por estes não terem o mesmo tempo de experiência ou a qualificação profissional que, em alguns casos, os efetivos têm. Cria-se, assim, a cultura do “melhor” e do “pior”, do “preparado” e do “despreparado”, donde os impactos negativos geralmente atingem majoritariamente os substitutos.

Para aprofundar o conhecimento sobre a situação concreta dos professores substitutos no âmbito da universidade, de modo geral, e particularmente da FASSO, torna-se necessário empreender esforços para analisar o contrato de trabalho que os rege.

Pensar no contrato de trabalho significa, imediatamente, remeter-se a um documento que fornece procedimentos normativos para regular a submissão de um serviço prestado pelo trabalhador a outro sujeito ou instituição. Ou seja, o contrato, na órbita da sociedade capitalista, define diretamente as condições de produção e de reprodução do trabalhador, no tocante às diversas esferas da vida social. No que se refere ao professor substituto da UERN, e mais par-

Mas essa divisão entre efetivos e substitutos extrapola a dimensão do exercício de atividades específicas. Outra questão está relacionada ao preconceito e estigma de que os professores substitutos são vítimas na FASSO. As marcas que carregam por esta condição, os fazem ser vistos por alguns alunos com certo menosprezo e desdém, fato este que não nos parece estar relacionado à situação de precarização e instabilidade que os cerca, mas sim ao grau de experiência e qualificação profissional, propriamente dita.

ticulamente da FASSO, o contrato é acordado entre ele e o Estado, que é sempre importante frisar: é uma instituição que objetiva propiciar a garantia dos interesses das franjas burguesas.

Assim, em seu conjunto, o contrato de trabalho destinado aos professores substitutos é frágil, do ponto de vista da garantia dos diversos direitos trabalhistas. Sua forma de estruturação nega o esforço histórico que a classe trabalhadora fez na busca de melhores condições de vida e trabalho; nega também

a condição de seres humanos que precisam satisfazer necessidades, e afirma a condição geral de precarização, desregulamentação e flexibilização das condições de trabalho, tão necessárias aos marcos sociais, políticos e econômicos instituídos em nossa sociedade pelo capital.

No tocante à saúde, os professores substitutos têm acesso ao plano da Unimed. Contudo, vários percalços se materializam dificultando, ou até mesmo impedindo, a utilização dos serviços médicos. Ora, é importante registrar que o cartão que dá acesso à utilização de tais serviços, requisita um considerável espaço de tempo para chegar até o professor e, ao mesmo tempo, durante o período de aulas, torna-se bastante difícil o acesso pela sobrecarga de atividades que estes sujeitos acumulam. Restaria, então, o período de férias, mas como o contrato é rescindido ao fim das aulas, não existe possibilidade concreta para isso. Vejamos:

[o] plano de saúde também... ele é válido durante esse período e depois ele é quebrado e como nossa rotina assim ela é muito cheia de compromissos, às vezes quando a gente vai querer utilizar o plano de saúde ou marcar um exame já num pode fazer por que tá no tempo já que se encerrou que se quebrou o contrato e aí vai ser um novo cartão junto a Unimed um novo processo... (Pincel Atômico)

No tocante à saúde, os professores substitutos têm acesso ao plano da Unimed. Contudo, vários percalços se materializam dificultando, ou até mesmo impedindo, a utilização dos serviços médicos. Ora, é importante registrar que o cartão que dá acesso à utilização de tais serviços, requisita um considerável espaço de tempo para chegar até o professor e, ao mesmo tempo, durante o período de aulas, torna-se bastante difícil o acesso pela sobrecarga de atividades que estes sujeitos acumulam.

Inclusive, alguns sujeitos, no momento de suas entrevistas, citaram o caso de uma professora substituta que estava em período de gestação e que não conseguiria ter seu parto realizado pelo plano, justamente em decorrência da burocracia expressa na demora na obtenção do cartão. E continuam explicando que

seus problemas não se esgotaram com a realização do parto, pois o contrato também não prevê qualquer garantia ou tempo de licença necessários para ela e a criança se adaptarem à nova realidade, ao passo que a Constituição Federal defende, no inciso XVIII, do *caput* do art. 7º a: “licença à gestante, sem prejuízo do emprego e do salário, com a duração de cento e vinte dias” (Brasil, 1988).

Particularmente, depois dos processos de greve que a UERN passou, desde 2011, os professores substitutos tiveram uma alteração na estrutura de seus contratos, no que se refere especificamente ao tempo de sua vigência. Antes, tal contrato não possuía uma data de finalização concreta, segundo Lousa, mas se mantinham, quase sempre, por 11 meses, sendo renovado, ou não, após esse lapso temporal, mediante a necessidade da Faculdade. Agora, esse período diminuiu e a renovação se dá a cada fim de semestre, ou seja, a cada 4 meses. A mudança é estratégica na perspectiva da política dominante para UERN no sentido de evitar o máximo de gastos possíveis e pressionar os professores substitutos, sobretudo nos momentos de greve.

As falas transcritas em seguida mostram o que significou essa mudança no contrato de trabalho que, em verdade, configurou-se como uma exponenciação da instabilidade e dificuldades em suas condições de trabalho e vida. De acordo com Pincel Atômico, Livro e Apagador:

[...] nós somos o tipo de trabalhador que assim, que a gente, por exemplo, nós... se a gente compra algum produto a gente tem que se basear no prazo de pagamento de quatro a cinco meses por que depois há uma quebra no nosso contrato, a gente fica um ou dois meses sem o salário [...] e que faz com que a gente sempre viva nesse mundo, assim, de incerteza, de inseguranças, né? (Pincel Atômico)

E também a questão de a cada semestre ser interrompido o contrato é outro problema, quase um dilema por que você fica imaginando: durante o processo de férias você está é... de sobre aviso, por que você é ainda o futuro professor mais ainda não tem nenhum vínculo. (Livro)

A ansiedade muitas vezes pode até prejudicar o trabalho... fica aquela ânsia...já fiquei sem

dormir pensando: será que vai renovar... quando diz que tem reunião do departamento, eu fico pensando: será que hoje é meu dia? será que é meu último dia? eu sempre digo: esse ano é meu último, [...] sempre fica aquela ansiedade, de que sempre é o último dia, sempre é o último ano. (Apagador)

As falas expostas, cada qual com sua particularidade, mostram os impactos que têm recaído, em decorrência das inúmeras incertezas proporcionadas pelo contrato de trabalho, para o professor substituto na FASSO e a insegurança e a instabilidade que os acomete, desde o planejamento para comprar bens e utensílios que necessitam, passando pela organização, e até mesmo como podemos ver na fala de Apagador, o medo do desemprego, num mundo de oportunidades restritas, expresso através da insônia, ansiedade e estresse, fatores que podem vir a prejudicar a aula, mas, sobretudo a sua qualidade de vida.

Como já explicitamos linhas acima, através de indicações e fragmentos de falas, outra fragilidade do contrato de trabalho consiste no modo de distribuição da carga horária. Segundo o documento que firma as atribuições e normas de trabalho, os professores substitutos da FASSO devem cumprir uma carga horária de 40 horas semanais única e exclusivamente nas atividades de ensino, representando, na imediatividade da análise, uma contradição visível, já que a universidade se ergue a partir do tripé composto por ensino, pesquisa e extensão.

Ademais, pela necessidade concreta de inserção em outras esferas da universidade, essa carga horária, acaba se estendendo consideravelmente, sem poder ser contabilizada, principalmente na dimensão salarial, para o professor. Senão, vejamos:

eu tenho outras participações que extrapolam a minha carga horária e que não é contabilizado, por exemplo, eu participo do núcleo de pesquisa... é... eu participo de um projeto de pesquisa, [...] eu participo de projeto de extensão[...] (Pincel Atômico)

A fala de Pincel Atômico nos dá subsídios para pensar a situação de precarização das condições de trabalho, advindas das limitações de atividades que na esfera formal e legal podem ser desempenhadas pelo professor substituto na FASSO, na medida em

que, na esfera não formal, observamos o envolvimento desses sujeitos em outros espaços, aumentando a quantidade de tarefas que precisam desempenhar e, por conseguinte, o tempo que destinam para sua realização. Em síntese, observamos que o legal (contrato) não corresponde ao real (cotidiano profissional).

Mas, em sua fala, Lousa consegue nos desvendar os motivos que estão por trás dessa exclusividade, ou melhor, restrição da carga horária para o ensino quando expõe:

vê só por que é só pra ensino.. por que como eles podem tirar a gente a qualquer hora, a gente não tem como ficar numa pesquisa, e de repente sair da pesquisa e quem era que ia continuar na pesquisa? então já prevê essa situação também... (Lousa)

Alguns entrevistados apontam ainda, outras contradições do contrato, no tocante à destinação dessa carga horária, já que a atividade de orientação de monografia consiste basicamente na realização de uma pesquisa, que é desenvolvida desde a formulação do projeto, até a produção e análise de dados com o auxílio direto do professor. Expõe o sujeito:

o maior problema que eu vejo em relação ao contrato de trabalho é esse: o professor temporário ser único e exclusivamente dedicado ao ensino... sendo que monografia também é uma pesquisa e eles acaba se equivocando, é uma pesquisa que faz você e seu orientador, num é só você... é você e seu orientador... (Apagador)

Outra fragilidade do contrato em análise consiste no fato de os professores substitutos não terem direito a férias remuneradas. Se fôssemos levar em consideração as prescrições da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) de 1977, observaríamos que “Todo empregado terá direito anualmente ao gozo de um período de férias, sem prejuízo da remuneração” (Artigo 126). Contudo, estamos tratando aqui de uma situação peculiar, na medida em que quando o semestre letivo chega ao fim, seu contrato é encerrado, cabendo aos professores substitutos apenas uma rescisão, que é baseada em seu salário-base. E, neste ponto de nossa análise, lembro-me de uma das falas de meus entrevistados, que atestou: “o meu contrato me faz ser descartável” (Apagador).



O sujeito em questão chama atenção para o fato de sua existência, no desempenho das suas atividades profissionais, ter uma duração que é incerta para ele e para a própria Instituição; sua inserção no espaço se dará de acordo com o tempo útil que possui, em um determinado momento histórico, pois ele está intrinsecamente vinculado a ele [tempo útil]. E agrava-se a situação, pois, contraditoriamente, para além das incertezas de um lado, no outro observamos a certeza da não garantia de direitos essenciais, via contrato de trabalho. Tal qual um copo descartável que nos permite cumprir uma função específica e depois jogá-lo fora, os trabalhadores em geral e, mais especificamente os professores substitutos (a quem parece incidir com mais força, pela própria lógica que os envolve) da FASSO vivenciam isso. Consoante Antunes (1999) vivemos mesmo num mundo do descartável. Segundo ele: “[...] um terço da humanidade é descartável. Como uma seringa. O mesmo não se deveria fazer com homens e mulheres que dependem do trabalho, única via para sua reprodução e da família, para a própria reprodução social” (Antunes, 1999, p. 20).

No tocante à remuneração, destacamos a divergência de salários entre professores efetivos e substitutos que têm a mesma titulação, o que acontece pelo fato, entre outras coisas, de os efetivos terem dedicação exclusiva, quinquênios etc.

De fato, esta modalidade de contratação representa, para os professores substitutos em geral, e mais precisamente para os da FASSO, sobre em quem está incidindo nossas análises, um caleidoscópio de duvidas e improbabilidades que se mostram através da imprecisão no que se refere à renda, duração do emprego, construção de uma carreira e ao exercício de atividades em espaços importantes, como o sindicato, por exemplo.

Um recorte que não pode deixar de ser analisado neste espaço, por está intimamente relacionado às transformações e metamorfoses do mundo do trabalho, é o lugar que a mulher ocupa nesse universo hoje. E esse recorte é importante, pelo fato de que dentre todos os nossos entrevistados, apenas um é do sexo masculino, como já fizemos saber (cf. nota de rodapé 4). Gostaríamos de indicar, então, que as professoras substitutas da nossa Faculdade, provavelmente devem exercer uma dupla, ou melhor, quádrupla

plas jornadas de trabalho, já que além das atividades que desempenham na academia e no lar, devem se dividir no cumprimento de mais duas atividades: as domésticas, de um lado, e a preparação de aula, estudo, correções de provas e trabalhos, de outro.

E aqui já adentramos numa outra metamorfose do mundo do trabalho, que está impactando os professores substitutos da FASSO, qual seja: o trabalho doméstico ou em domicílio, que consiste na realização de atividades no âmbito do lar, sem horário fixo e predeterminado, talvez sem espaço adequado e sem garantias e seguros de nenhum nível.

A este respeito, diz um dos entrevistados que costuma:

Levar muito trabalho pra casa e de que muitas vezes... a sensação que eu tenho é que eu trabalho mais em casa. [...] Eu me desgasto mais em casa, começando a trabalhar, muitas vezes a partir de meia-noite... (Apagador)

Certamente, em decorrência da chamada revolução informacional, responsável por promover e potencializar o uso de diversos equipamentos tecnológicos, de que é exemplo emblemático o computador, o trabalho destes profissionais torna-se mais flexível, tendendo, também, a maximizar-se, pois não podemos desconsiderar que a universidade também é um espaço com muitos prazos a serem cumpridos.

Destarte, os professores estão inseridos num quadro geral dos trabalhadores que vivenciam toda a sorte de desventuras, por meio da subproletarização do trabalho (Antunes, 2011). Estamos falando, aqui, de trabalhadores que: “[...] têm em comum a precariedade do emprego e da remuneração; a desregulamentação das condições de trabalho em relação às normas legais vigentes [...] e a conseqüente regressão dos direitos sociais” (Antunes, 2010, p. 50).

Os professores substitutos da FASSO, enquanto classe trabalhadora, certamente entendem, com precisão teórica de um lado, já que a análise e o estudo do mundo do trabalho é um espaço importante de investigação do Assistente Social e prática, de outro, tendo em vista que a forma e as múltiplas determinações econômicas, sociais e políticas que se imiscuem para forjar o contexto do mundo do trabalho, os acometem diretamente.

As mudanças na vida dessas pessoas retratam esta realidade, que não é uma exclusividade do conjunto de sujeitos que estamos estudando, pois acomete o conjunto da classe trabalhadora, em todos os espaços, muito embora, saibamos que para estes, algumas peculiaridades se destacam, como já procuramos evidenciar ao longo deste tópico.

Assim, para finalizar, compara Pincel Atômico:

a principal mudança é que eu estava desempregada e que hoje eu sou empregada desestruturada, precarizada, né? de que antes eu não tinha dinheiro algum e que hoje durante quatro meses, ou cinco meses eu posso contar com o salário se não houver greve, né? ainda coloco aí esse parêntese, se não houver greve, né? (Pincel Atômico)

Observamos, através da fala supramencionada que está existindo, de fato, uma barbarização da totalidade da vida social, e que este fenômeno certamente é agravado pela atual conjuntura que marca o mundo do trabalho, de maneira geral e, particularmente, a situação de precarização que assola os professores substitutos da Faculdade de Serviço Social.

Assim, concluímos esta sessão observando que, de fato, o peso do fardo que carregam docentes e mais especificamente os professores substitutos da FASSO, vem se intensificando sobre seus ombros de maneira a lhes render toda a sorte de desventuras, como já demonstramos nas linhas acima, através das análises da realidade que os acomete. Nos marcos da regulação do capital, este fardo não deixará de existir e, portanto, não se mostram animadores os tempos que estão por vir. Mais que nunca, é preciso ter coragem e ousadia para se libertar do fardo, da farda, das feridas e das (in)certezas latentes que prejudicam, sol a sol, a classe trabalhadora.

## Conclusões

Com a gênese e a consolidação do modo de produção capitalista em nossa sociabilidade, houve alterações significativas na forma de organização material da vida. As novas características que o sistema, então nascente, trouxe consigo, manifestaram-se

diretamente no trabalho, que foi redimensionado e, desde então, passou a estar marcado por características degradantes para o conjunto dos sujeitos que o realizam.

No transcorrer dos tempos, outras ocorrências foram se processando no interior do capitalismo, exigindo novas respostas para a realidade então emergente e, ao mesmo tempo, criando novas conjunturas. Todas estas ocorrências também foram responsáveis por agravar a situação do mundo do trabalho na sociedade. Várias foram as metamorfoses que se mostraram e ainda continuam se mostrando nos dias atuais, para o conjunto das pessoas que necessitam vender sua força de trabalho para sobreviver.

Os professores, e particularmente os substitutos da FASSO, fazem parte do amplo quadro de sujeitos que compõe a classe trabalhadora, e sentem as dimensões da precarização, desproteção e desregulamentação que vêm se fazendo presente para a classe trabalhadora na atualidade, endossadas pelos determinantes que se materializam no seu lócus de trabalho: a universidade.

Destarte, estes e outros fatores que não conseguimos mencionar no desenvolvimento deste texto



estão sendo responsáveis por nutrir um tipo de trabalho perverso para os professores, de modo geral e, mais especificamente, para os substitutos da FASSO, o que se expressa na elevada e intensificada jornada de trabalho e nos problemas relacionados à saúde e à qualidade de vida, como estresse e estafa. As metamorfoses que vêm se desencadeando no mundo do trabalho, têm chegado, sob as diversas formas, para os sujeitos aqui em apreço. A situação geral de desemprego estrutural, as determinações do gênero de nossa sociedade patriarcal, a requisição de profissionais qualificados e polivalentes, as diversas formas de flexibilização do trabalho, dentre outros elementos, são fatores que dão indícios de quão marcantes e intensas têm sido essas mutações para eles.

Como notamos, a análise que se volta para a particularidade de nosso estudo, não está descolada da totalidade envolta ao mundo do trabalho em nossa sociabilidade, de modo que as tendências visualizadas hoje, encontram-se fincadas na raiz da forma pela qual o capital se (re)produz em nossa sociedade, ou seja, a partir da contradição que se materializa na apropriação privada do trabalho realizado coletivamente.

Deste modo, a busca por uma forma de trabalho voltada integralmente ao desenvolvimento do gênero humano, não sendo sinônimo de perdas, precarização, barbárie e desumanização, deve convergir para cortar as raízes desse mal que há bastante tempo vem nos assolando. É preciso, desta forma, que as transformações no mundo do trabalho ganhem novos rumos e novos sentidos... **US**

# notas

1. Ao longo de todo o texto estaremos utilizando o conceito genérico de homem.
2. Sobre este campo de abordagem, para aprofundar discussões, ver Silva (2009).
3. Por princípios éticos, a fim de ocultar a identidade dos sujeitos, utilizamos, para denominá-los, nomes de instrumentos que os professores substitutos utilizam no seu espaço de trabalho.
4. Entre os sujeitos que entrevistamos para a produção de dados, apenas 1 (um) é do sexo masculino. Neste sentido, também visando preservar a identidade dos pesquisados, utilizamos um “x” para ocultar o sexo/gênero dos entrevistados.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho.

[10ª ed. 2ª reimpr. rev. e atual.] São Paulo: Boitempo, 2009.

\_\_\_\_\_. Produção liofilizada e a precarização estrutural do trabalho. *IN*: LOURENÇO, Edvânia.

BERTANI, Vera Navarro Iris. et. al. **O avesso do trabalho II**: trabalho, precarização e saúde do trabalhador. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

\_\_\_\_\_. **Crise capitalista contemporânea e as transformações no mundo do trabalho**.

*In*: módulo de capacitação CEAD, 1999.

BRASIL. DECRETO-LEI nº 1.535, de 15 de abril de 1977. Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del1535.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del1535.htm)>. Acesso em: 7 fev. 2013.

\_\_\_\_\_. **Constituição Federativa do Brasil**. Brasília: 1988.

LEITE, Janete Luzia. As transformações no mundo do trabalho, reforma universitária e seus rebatimentos na saúde dos docentes universitários. **Revista Universidade e Sociedade**, Ano XXI, nº. 48 – jul. 2011.

SILVA, Maria Emília Pereira da. **A metamorfose do trabalho docente no ensino superior**: entre o público e o mercantil. Tese de Doutorado - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009 (p. 184).

# referências